

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

## EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CAMPO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Alcides do Nascimento Moreira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta um breve estudo, realizado a partir de pesquisas bibliográficas, tendo como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais apresentada por Moscovici, que se torna perceptível por meio dos processos interativos e comunicativos e são marcadas por processos cognitivos, simbólicos, imaginários que cada sujeito constrói e reconstrói em suas experiências nos grupos de convívio. Diante desses aspectos subjetivos que constituem o campo das representações sociais, foi desenvolvido o presente artigo, com vista ao entrelaçamento da educação a distância no contexto da construção de conhecimentos a partir dos significados tanto de representação social, como da própria educação a distância que ocorre nas interatividades dos Ambientes Virtuais de Aprendizagens (AVA) e na relação professor-aluno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações Sociais, Educação a Distância, Percepção, Ensino-aprendizagem, Identidade.

**ABSTRACT:** This article presents a brief study, from library research, taking as a theoretical framework of Social Representation Theory by Moscovici, which becomes apparent through the interactive and communicative processes and are characterized by cognitive, symbolic, imagined that each subject constructs and reconstructs his experiences in the networking groups. Given these subjective aspects that constitute the field of social representations, this article was developed with a view to the commingling of distance education in the context of building knowledge from the social meaning of both representation and from the very distance that occurs in interactivity of Virtual Environments for Learning (AVA) and the teacher-student relationship.

**KEYWORDS:** Social representations, distance education, Perception, Teaching and Learning, Identity.

### INTRODUÇÃO

A percepção está diretamente ligada às teorias da representação social. Portanto, quando se trata de percepção de modelos pedagógicos educacionais, torna-se necessário recorrermos a

---

<sup>1</sup> Possui graduação e licenciatura plena em História pela Universidade do Tocantins (1996) e Mestrado em Educação pela UnB (2009). Atualmente é professor da educação básica - Secretaria de Estado da Educação e Cultura e professor da Unitins. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Colônia, atuando principalmente no seguinte tema: educação, solidariedade.

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

teóricos que nos possibilitem a compreensão conceitual tanto da representação social, quanto dos conceitos utilizados para definir a educação a distância.

Dessa forma, a percepção ancora-se na Teoria de Representações Sociais de Moscovici, que constitui a base teórica deste artigo. Essas representações são marcadas por processos cognitivos, simbólicos, imaginários, que cada sujeito constrói e reconstrói em suas experiências nos grupos de convívio. Segundo o próprio Moscovici (2007), as representações sociais emergem diante de processos interativos e comunicativos, com o objetivo de tornar o que não é familiar em algo familiar. Sendo assim, as representações sociais se expressam por meio dos gestos, das ideias e das linguagens compartilhadas pela raça humana.

## **BASES CONCEITUAIS DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

A base da Teoria das Representações Sociais (TRS) está ancorada em Moscovici. Portanto é importante entender o conceito e a história da Representação Social para compreender como surgiu essa teoria e qual é a sua relação com a educação em suas modalidades presencial e a distância.

Atualmente, a Teoria das Representações Sociais vem despertando o interesse de vários pesquisadores que procuram compreender as relações que existente entre grupos, culturas e valores que retratam historicamente a existência da humanidade.

Para desenvolver a teoria das Representações Sociais, Moscovici buscou a perspectiva teórica de Durkheim, o qual, por meio de uma visão sociológica dos fatos sociais, estudou o fenômeno da representação coletiva.

Para Durkheim, o termo “representação coletiva” tem um significado sociológico que enfoca o poder de obrigar, integrar e conservar a sociedade. Gerard Duveen, apud Moscovici (2007, p. 15), afirma que

enquanto Durkheim vê as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar que pode servir para integrar a sociedade como um todo, Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas.

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

A partir da apropriação dessa base teórica durkheimiana, Moscovici opõe-se a trabalhar com essa terminologia de representações coletivas, por acreditar que a mesma apresenta um caráter estático e fixo, uma vez que as representações são algo mais dinâmico, produto da construção e reconstrução presente no cotidiano da sociedade. A partir dessa compreensão, ocorre a preferência pelo termo social em vez de coletiva.

Dessa forma, a Teoria das Representações Sociais foi destacada inicialmente por Moscovici em seu livro *La psychanalyse, son image et son public*, publicado em 1961. Esse fato marcou o rompimento da Psicologia Social que se dedicava a estudar o humano levando em consideração os processos psicológicos individuais (CERQUEIRA, 2007).

Moscovici, com a Teoria das Representações Sociais, “opõe-se à natureza individual da Psicologia Social e busca resgatar as dimensões culturais e históricas na pesquisa psicossocial”. Nesse sentido, ele busca compreender de forma científica, o conhecimento com base no senso comum, em um processo dinâmico que acontece com a análise das formas culturais, expressas pelos grupos existentes em uma sociedade, fazendo parte de um processo de organização e transformação dessas expressões (SANTOS; ALMEIDA, 2005, p.17).

Com essa proposta de estudo, Moscovici pretendeu demonstrar cientificamente que o ser humano é dotado de capacidades que podem, pela sua intervenção, modificar a sociedade. São os sujeitos que constroem ativamente a realidade, à proporção que se reconstruem enquanto seres humanos na realidade cotidiana, a partir das relações que se estabelecem em um processo de construção, elaboração e apropriação de uma realidade objetiva. Verifica-se, nesse contexto, a complexidade do termo “representações sociais”, muito utilizado, ao longo dos tempos, na Psicologia Social.

Estudar a Teoria das Representações Sociais é, ao mesmo tempo, procurar compreender o fenômeno das representações sociais que estão diretamente vinculadas às práticas sociais cotidianas e às diversidades dos grupos, em uma realidade que inicialmente representa a teoria do senso comum, cuja importância cultural era uma apropriação do seu grupo e para o próprio grupo. Diante dessa realidade, ocorre a articulação e o compartilhamento de conceitos que representam a identidade social do grupo, cujas manifestações mostram que esse grupo é também social (SANTOS; ALMEIDA, 2005, p. 20).

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

Observa-se, portanto, que a articulação e o compartilhamento dos conceitos que consolidam a identidade do grupo social acontecem diante da construção de identidades que estão inseridas no processo histórico da existência do homem em sociedade. Essa construção de identidades pode ser melhor entendida com Hall (2005, p. 10-12), ao identificar a existência de três concepções de identidade, quando afirma:

(...) distinguirei três concepções muito diferentes de identidade, a saber, as concepções de identidade do: a) sujeito do Iluminismo, b) sujeito sociológico e c) sujeito pós-moderno. O sujeito iluminista estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consiste no núcleo interior (...). A noção do sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – cultura – dos mundos que ele/ela habitava. (...) Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam...

Ao considerar a construção de identidades, considerando o momento histórico da existência material do sujeito e, conseqüentemente, do grupo social no qual constrói as relações sociais, torna-se evidente o que o autor chama de “celebrações móveis”, ou seja, as manifestações que acontecem nas expressões simbólicas, materiais e imateriais de forma comunicacional.

Segundo Moscovici (2007), as representações constroem-se em um processo de interação e comunicação. Essas representações servem para nos fazer compreender um objeto particular, bem como para nos propiciar o entendimento de como o próprio sujeito define sua identidade, que se expressa na manifestação dos valores simbólicos e do imaginário.

Para Santos e Almeida (2005, p. 25-26), “na medida em que a representação social é compreendida enquanto conteúdo e processo, seu estudo remete necessariamente aos processos perceptíveis e imaginários do sujeito, às forças sociais e aos conteúdos culturais subjacentes às relações mediadoras entre indivíduos e sociedade”.

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

Sem discordar do que Santos e Almeida colocam sobre a representação social e o campo existente para a sua compreensão, percebe-se também, que Moscovici (1976, p. XIII) vai além ao afirmar que a Representação Social (RS) pode ser definida também como

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Nesse contexto, as representações sociais são vistas como imagens da realidade que acontecem nas práticas sociais cotidianas em que os sujeitos as percebem, constroem e reconstroem, fazendo com que o que não é familiar se torne familiar. Verifica-se dessa forma, que a finalidade principal das representações é tornar familiar o não-familiar.

Segundo Santos e Almeida (2005), quando o pesquisador se propõe em analisar as representações sociais, precisa necessariamente levar em consideração dois componentes fundamentais: o componente social e o componente cognitivo. No componente social, são trabalhadas as relações que ocorrem entre processo individual de conhecimento, processos simbólicos culturais e sistemas de ideias.

Já o componente cognitivo refere-se às representações dos sujeitos, sendo “uma forma de conhecimento submetido às regras dos processos cognitivo-afetivos do sujeito” (SANTOS; ALMEIDA, 2005, p. 27).

Nas representações sociais devem-se considerar dois processos importantes que ajudam em suas análises. Esses processos são: a objetivação e a ancoragem, que são responsáveis pelo processo da formação das representações sociais, no sentido de tornar o não-familiar familiar.

Moscovici (2007, p. 61) diz que a ancoragem

é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada [...]. Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e são ao mesmo tempo ameaçadoras.

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

Desse modo, a ancoragem é vista como a capacidade de tornar um objeto estranho familiar, nomeando, denominando e classificando o mesmo.

Para Moscovici (2007, p. 62), “pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de se dar um nome, nós somos capazes de imaginá-lo, de representá-lo. De fato, representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes”.

Já “objetivação une a ideia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível” (MOSCOVICI, 2007, p. 71). Verifica-se então, que toda representação produz um nível diferente da realidade, que é criado e mantido pela coletividade.

Estudar as representações sociais no contexto do seu fenômeno é complexo. No entanto torna-se dinâmico e requer o conhecimento dos contextos cultural, histórico e social, para então se compreender a natureza do senso comum.

A investigação científica adotada para este artigo propõe-se, a partir do campo teórico escolhido, compreender, a partir da percepção docente e discente, o modelo de EaD combinando telessala e AVA no contexto da teoria descrita, bem como verificar a importância dessa teoria na vida dos indivíduos que estão inseridos num contexto sócio-histórico-cultural de uma instituição de ensino superior que oferece no seu modelo de ensino a educação a distância. Observa-se, assim, a necessidade eminente de se contextualizar e investigar a importância das representações sociais, bem como a sua influência nas instituições educacionais.

## **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO**

O sujeito constrói as representações sociais a partir de sua relação com o mundo social e o mundo intelectual que se reflete em suas práticas sociais. Logo, isso acontece no contexto educacional em que o indivíduo se encontra. Torna-se, dessa forma, de fundamental importância fazer as interpretações dessas representações sociais. As teorias sobre os objetos cotidianos do indivíduo justificam o comportamento e a relação desses indivíduos com esses objetos, em seu contexto social.

Para corroborar o que foi dito, Santos e Almeida (2005, p. 194-195) afirmam que

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

A prática pedagógica de fato é uma atividade que pode influir nas representações sociais do educando, reforçando ou transformando a visão que os indivíduos têm de si mesmo e do mundo em que vivem. [...] É necessário portanto, a promoção de uma formação de professores e de uma prática docente que se volte criticamente para a questão do habitus e das representações sociais do educador, e, por conseguinte, para o problema da construção identitária dos educandos, de modo a possibilitar que os/as educandos/as escolham criticamente o seu lugar social e histórico na sociedade em que vivem.

Analisar as representações sociais a partir dos professores e estudantes frente ao processo de ensino-aprendizagem não acontece somente pelo fato de se atribuir a ascensão social do professor ou do aluno a um processo de aprendizagem mecânica. A análise acontece no sentido de entender qual é a importância do processo ensino-aprendizagem e o que esse processo significou diante dos acontecimentos concretos da vida social cotidiana dos grupos.

## **CAMINHO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE**

A noção que se tem de EaD é que professores e alunos se encontram em lugares distintos, geograficamente e fisicamente. Diante dessa aligeirada interpretação, muitos alunos, professores e, até mesmo, pesquisadores da área de educação, às vezes, não têm um conceito formado dessa modalidade de ensino. Para a discussão sobre a educação a distância, é necessário recorrer a autores e pesquisadores reconhecidos na comunidade científica pela natureza de seus trabalhos trata-se de pesquisadores que investigam e formulam significados e conceitos dos modelos de ensino que surgem na sociedade e que nos permite compreender esses modelos como parte de nossas atividades docentes. Assim, pode-se compreender o conceito de educação a distância proposto por Moore, apud Niskier (2000, p. 50) ao afirmar que

Educação a distância é a aprendizagem planejada que geralmente ocorre num local diferente do ensino e, por causa disso, requer técnicas especiais de desenho de curso, técnicas especiais de instrução, métodos especiais de comunicação através da eletrônica e outras tecnologias, bem como arranjos essenciais organizacionais e administrativos.

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

Na pesquisa em educação a distância, o pesquisador precisa compreender que não existe somente um conceito para essa modalidade de ensino, haja vista que as possibilidades da utilização da TIC como meio para se realizar o ensino a distância são várias.

A educação a distância (EaD), de modo geral, tornou-se objeto de acirradas discussões e debates nas academias. Muitos autores e pesquisadores buscam definir os papéis, as funções, o termo, as práticas didático-pedagógicas, bem como o modelo no todo, procurando compreender e definir quais as melhores propostas e modelos das instituições que trabalham com essa modalidade de ensino.

O ensino a distância avançou de forma significativa nas últimas décadas. Muito embora esse modelo de ensino tenha passado, no decorrer do processo histórico, por dificuldades não só para atender as questões internas que se fazem presentes nos organismos e instituições que trabalham com essa modalidade de ensino, mas também pela repulsa de algumas instituições e da sociedade em relação à qualificação dos indivíduos que recorrem a essa modalidade de ensino.

Segundo Belloni (2008, p. 91),

Uma das grandes dificuldades da EaD tem a ver com sua posição de baixo prestígio no campo da educação. Tendo sido considerada por longo tempo como uma solução paliativa, emergencial ou marginal com relação aos sistemas convencionais, a EaD é geralmente vista pelo público em geral e pelos atores do campo da educação – mesmo por aqueles que nela atuam – como uma segunda oportunidade para os que não tiveram acesso ou abandonaram o ensino regular.

O desafio da EaD consiste em buscar formas e modelos pedagógicos que possibilitem a oferta de um ensino que atenda à estrutura social e propicie a formação de qualidade para os estudantes que ingressam nessa modalidade de ensino. Vencer o preconceito e o trauma, historicamente construído sobre a EaD, tem sido a busca constante das autoridades e instituições envolvidas no processo educacional, para o desenvolvimento de modelos de ensino a distância que atendam as necessidades da construção de conhecimentos em áreas específicas, com a finalidade de proporcionar a formação de pessoas que contribuam com o desenvolvimento social, político, econômico, histórico e cultural nas comunidades em que estão inseridas.

Para Belloni (2008, Prefácio, obra: Educação a Distância),

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

experiências de ensino a distância propiciam o desenvolvimento de novos modelos de ensino, utilizando as tecnologias de informação e comunicação, que são importantes ferramentas disponíveis na sociedade contemporânea, amplamente incorporadas na vida cotidiana de todos (salvo, é claro, daqueles grupos sociais excluídos dos benefícios do desenvolvimento), devendo por isto ser integradas à educação em todos os níveis.

Para implantar modelos de educação a distância, as IES precisam vencer o desafio dos temores e resistências às TIC e articular a mídia impressa, televisiva e digital em suas estruturas educacionais para atender a demanda do déficit educacional arraigado no tecido estruturante e/ou estruturado da sociedade brasileira. A percepção aliada à sensação do avanço das tecnologias, com a combinação de diversas linguagens no processo de ensino- aprendizagem, deve ser uma das preocupações das autoridades e instituições que trabalham com EaD aliada à utilização das TIC que evoluem de forma acelerada na sociedade contemporânea. Nesse contexto, observa-se que

A evolução das tecnologias gera novas combinações e possibilidades de comunicação, como técnicas de globalização, difusão via canal a cabo, satélite e internet. Nesse contexto, a rede mundial de computadores (internet) torna-se um meio de comunicação significativa, destacando-se a convergência, os desafios e as perspectivas de interação (FIORENTINI; MORAES, 2003, p. 75).

Analisando o contexto histórico da EaD no Brasil, é possível verificar a sua expansão. A princípio, foram os cursos por correspondência, tal qual o conhecido Instituto Universal Brasileiro; depois, o Projeto Minerva via rádio em rede nacional, o Telecurso 2000, criado e administrado pela Rede Globo de Televisão; posteriormente, foram criados vários programas pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), para atender a formação continuada de professores, bem como para atender a necessidade de formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. Por último, foi criada a Universidade Aberta do Brasil (UAB) para o processo de formação e qualificação dos sujeitos que precisam continuar no processo de construção do conhecimento, possibilitado pela EaD.

Em 1996, quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB entrou em vigor, a EaD foi oficializada no País, assegurando às instituições e às pessoas que utilizam essa modalidade de ensino o aporte jurídico necessário para a validade do ensino a distância,

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

consolidando assim a autonomia das instituições públicas e particulares para, depois de credenciadas, ofertarem cursos na modalidade a distância.

A legislação sobre a EaD no Brasil ocorre a partir da publicação oficial da LDB, tornando-se assim:

Uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (Diário Oficial da União decreto n.º. 2.494, de 10 de fevereiro de 1998).

Um dos suportes que possibilita a sistematização e organização de conteúdos é o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), que permite em sua estrutura a circulação e armazenamento de forma sistemática de informações isoladas, ou a combinação de informações necessárias ao processo de ensino-aprendizagem gerenciado pelo próprio aluno.

## **AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**

A exposição da imagem possibilita a verificação, de forma articulada não linear, dos diversos pontos de aprendizagem na modalidade de EaD, não só no campo da mídia impressa e televisiva, mas também, no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), em que acontece a educação *online* como resultado da estrutura da sociedade atual que vivencia as transformações sociais, pela interferência das TIC nas interfaces que ocorrem no ciberespaço entre as pessoas.

A educação online é demanda da sociedade da informação, isto é, do novo contexto socioeconômico-tecnológico engendrado a partir da década de 1980, cuja característica geral está mais centralizada na produção fabril ou na mídia de massa, na informação digitalizada como nova infraestrutura básica, como novo modo de produção. O computador e a internet definem essa nova ambiência informacional e dão o tom da nova lógica comunicacional, que toma o lugar da distribuição em massa própria da fábrica e da mídia clássica, até então símbolos societários (SILVA, 2006, p. 11).

Percebe-se assim, que a educação a distância ancora-se nas tecnologias de informação e comunicação para se firmar como modelo de ensino, independentemente do tipo de mídia

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

utilizada para a sua realização. A mídia digital torna-se uma das responsáveis para o processo de ensino-aprendizagem em EaD, possibilitando a interação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

## CONCLUSÃO

Nas atividades de pesquisa desenvolvidas para a construção deste artigo, sobre a educação a distância no campo das representações sociais, evidenciou-se que essa modalidade de ensino, desde o seu início, tem recebido críticas por parte de pesquisadores educacionais que veem a EaD como uma forma de atender situações emergenciais sem a devida preocupação com a qualidade do ensino que se realiza, por considerarem que a construção do conhecimento só se torna eficaz com a presencialidade do professor e do aluno, em um espaço de aproximação geográfica em que as ações possam ser testemunhadas de forma ocular. No entanto, para os estudiosos e pesquisadores que defendem essa modalidade de ensino, os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem tornam-se mais autônomos, ao se conscientizarem da necessidade da construção de conhecimentos indispensáveis à formação para uma prática profissional consciente, capaz de interferir no processo de transformação social. Esse posicionamento ancora-se nas diversas formas de interatividade que acontecem na EaD, com a utilização das TIC, disponibilizadas nas diversas mídias, inclusive nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), o que é definido por Moscovici, em relação às representações sociais como algo “que se constroem em um processo de interação e comunicação”, o que produz a identidade do sujeito nas relações estabelecidas no seu convívio social, repleto de valores, normas, símbolos e subjetividades.

## REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

## TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

Brasil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 12 de abril de 2009.

BRASIL, Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>>. Acesso em 13 de abril de 2009.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. (Org.). *Representações Sociais e Escuta Sensível do Professor Universitário*. Brasília: Hildebrando Editor e Autores Associados, 2007.

FIORENTINI, Leda Maria Rangearo; MORAES, Raquel de Almeida (Orgs.). *Linguagens e interatividade na educação a distância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JODELET, Denise (Org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERF, 2001.

SILVA, Marco (Org.). *Educação online*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MOSCOVICI, Serge. *Social Influence and Social Change*. Londres: Academic Press, 1976.

\_\_\_\_\_. *Representações sociais: investigação em psicologia social*. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NISKIER, Arnaldo. *Educação a Distância: a tecnologia da Esperança*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Leda Maria de (Orgs.). *Diálogos com a teoria da representação social*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.